



Discurso & Sociedad

Copyright © 2019
ISSN 1887-4606
Vol. 13(3) 515-533
www.dissoc.org

Artículo

Os tecnografismos a partir da hashtag #EleNão

Tecnographisms from the hashtag #NotHim

Roberto Leiser Baronas

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar/ CNPq

Julia Lourenço Costa

FAPESP - Universidade Federal de São Carlos / Université Paris XIII

Samuel Ponsoni

Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, Unidade Passos

Resumen

Desde la comprensión del tecnografismo como "una producción semiótica que asocia texto e imagen en un compuesto nativo de Internet" (Paveau, 2017, p. 305), analizaremos neste artículo la movilización de esta dimensión compuesta de formas en el movimiento feminista brasileño #EleNo. La relación entre el texto y la imagen es notable en las producciones nativas de la Web, donde el borde entre los dos tipos de texto está borroso. Por lo tanto, depende de los lingüistas tratar de entender cómo se construye el significado en el ciberespacio. Partiendo de una selección de un corpus que incluye la movilización de tecnografismos en el movimiento #EleNo, pretendemos pensar especialmente en el proceso de textualización de la imagen y la iconización del texto (Paveau, 2017a, 306) como una forma de argumentación de los discursos de la militancia digital, notablement el movimiento feminista.

Palabras clave: discurso digital; tecnografismo; feminismo brasileño; #EleNo

Abstract

From the understanding of the technographism as "a semiotic production associating text and image in a native composite of the Internet" (Paveau, 2017a, p 305), we will analyze in this article the mobilization of this composite dimension of forms in the Brazilian feminist movement #NotHim. The relationship between text and image is remarkable in the native productions of the Web, where the border between the two types of text is blurred. It is therefore up to linguists to try to understand how meaning is constructed in the cyberspace. Starting from a selection of a corpus that includes the mobilization of technographisms in the #NotHim movement, we intend to think especially about the process of textualization of the image and the iconisation of the text (Paveau, 2017a, 306) as a form of argumentation of the discourses of digital militancy, notably the feminist movement.

Keywords: digital discourse; technographism; Brazilian feminism; #NotHim

Introdução

Assistimos contemporaneamente à proliferação de discursos intolerantes e de ódio de variadas ordens. Um fenômeno se não novo, dado que foi o grande mote para a irrupção do nazismo e do facismo na Europa, durante as décadas de trinta e quarenta do século passado, mas que retorna na quadra atual com configurações diversas e em nível mundial. A (re)ascensão do autoritarismo, que procura impor determinada visão de mundo, excluindo tudo aquilo que se constrói na alteridade, em diferentes parcelas da população que não se encaixam no modelo previsto, ganha corpo como, por um lado, formas estereotipadas e normativas da supremacia branca, heterossexual e masculina, em padrões de famílias tidas como tradicionais, como estruturação da religiosidade monoteísta e instrisecamente institucionalizada e, por outro lado, como forma de autoritarismo de valores políticos, sociais e econômicos, que se incrustam também na exclusão da alteridade que não comungue com o "ser ideal" de trabalhador, de sujeitos, de subjetividades moldadas à lógica do capital, do trabalhar que mesmo em situação precária, busca manter o emprego, isto é, dos valores de um Estado/Mercado, como bem apontam Dardot e Laval (2016), em a *Nova razão do mundo*¹, obra na qual há a compreensão de que o sujeito deve se constituir como uma espécie de empresa em todas as suas relações sociais. Sendo assim, em nosso entendimento, nenhuma dessas questões apontadas podem ser olvidadas diante dos acontecimentos contemporâneos².

Para esse entendimento vir à baila, lembremos dos discursos e outras ações de Donald Trump, presidente americano em relação aos imigrantes; Putin na Rússia e a censura aos meios de comunicação, bem como os casos de intolerância à homossexualidade, como foi visto em alguns protestos durante a Copa do Mundo de 2018; a França com suas represálias violentas às manifestações dos *Gilets Jaunes*, ou, ainda, o caso de Rodrigo Duterte nas Filipinas, com perseguições judiciais, inclusive com assassinatos, em diversos casos de intolerância e autoritarismo naquele país.

Da perspectiva brasileira, discursos de ódio têm ganhado mais consistência principalmente a partir do golpe parlamentar que destituiu a presidenta Dilma Roussef em 2016 e a consequente eleição do atual presidente, Jair Bolsonaro. Em suas manifestações públicas, casos de intolerância, autoritarismo e discriminação pululam, tornando-se tarefa difícil aos políticos e analistas em geral realizarem um estudo para designar e exemplificar quais seriam os piores³, até mesmo porque uma das características política de

Bolsonaro é manter os discursos de ódio, polêmicos e que exalam barbárie na ordem do dia. Uma estratégia, sem dúvida, de sustentar sua presença nas formas-sujeitos que o identificam, mantendo com certo número de simpatizantes, a identificação pelos abjetos discursos, bem como defendendo os interesses desses grupos de extrema-direita na sociedade brasileira⁴. Sobre isso nos diz Rovére 2019:

Ce n'est donc pas une extrême droite super-étatisée, autoritaire et militariste qui est désormais au pouvoir au Brésil. C'est presque l'inverse. Le grand événement qui vient de se produire est la mise en place d'une nouvelle scénographie, dans laquelle un gouvernement translucide ne masque plus la réalité de forces connues depuis longtemps : les balles, les bœufs, la Bible, désignées au Brésil comme le triple B, groupes de pression auxquels se rattache une large majorité des députés (environ 350 sur 550) et des sénateurs (55 sur 81). L'actuel gouvernement brésilien vise à garantir les intérêts de ces forces tout en offrant aux électeurs un spectacle destiné à répondre aux amours et aux désamours populaires (Rovére, 2019, p. 5).

Na progressão do crescimento das práticas autoritárias, assistimos também ao aumento do ativismo, de outro lado, compreendido enquanto postura que questiona a ordem política estabelecida, visando a uma mudança social. Porém, há algo que se altera na estrutura do ativismo quando pensamos sua relação direta com os meios de comunicação, que promovem a integração dos indivíduos em torno de uma causa comum. Há nesse sentido uma clara desintegração das correlações de forças.

Embora os movimentos sociais tenham em geral sua base no espaço urbano - e rural também, como o Movimento dos Sem Terra no Brasil (MST) - atualmente "os movimentos espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias" (Castells, 2017, p. 18).

O desenvolvimento dos meios de comunicação tem, portanto, relação imbricada com a política, uma vez que se configuram enquanto espaço de contato entre líderes políticos e os cidadãos - democratizando a comunicação, expondo opiniões e debatendo temas relevantes e polêmicos para o Estado, por exemplo.

Nesse ínterim, o impacto da evolução tecnológica, aliada ao desenvolvimento da própria mídia, é sentido também no campo político, ainda que, mesmo nos espaços midiáticos e de debate público que surgem na esteira dessa revolução tecnológica, mantenha-se uma correlação de força desigual, uma vez que não se pode ter a ilusão de que grandes corporações de mídia têm

os mesmos meios e as mesmas formas de acesso que grande parte da população aos espaços públicos de manifestação, bem como tem o mesmo peso de influência político-econômica que a grande maioria das pessoas.⁵

De qualquer maneira, a partir dos recursos disponibilizados pela internet, pode-se dizer que, mesmo sem medir todos os efeitos, assistimos hoje à era do ativismo digital, ou ciberativismo, caracterizado pela mobilização de pautas na web 2.0 em torno de causas ambientais, sociais, políticas e culturais, a fim de promover o diálogo, negado pelas instituições de poder. Autores como Castells (2017) defendem que há hoje um espaço híbrido de atuação dos movimentos sociais, que advém da interação entre espaço digital e espaço público.

Jair Bolsonaro e a disseminação do discurso intolerante no Brasil

Durante a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro à presidência - principalmente no segundo semestre de 2018 - nos deparamos com os mais variados discursos preconceituosos e autoritários possíveis, como tentativa de imposição de determinada visão de mundo, que se marca em seu discurso como a sua própria verdade a recriar ou criar os acontecimentos históricos.

Para promover breve compreensão da magnitude da intolerância no Brasil, encarnada na figura do atual presidente selecionamos algumas formulações por ele enunciadas:

“Eu fui num quilombola em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais”;

“Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”;

“Fui com os meus três filhos, o outro foi também, foram quatro. Eu tenho o quinto também, o quinto eu dei uma fraquejada. Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio mulher;

“O erro da ditadura foi torturar e não matar”⁶.

A partir dos enunciados proferidos pelo presidente verificamos a postura racista, homofóbica, machista e autoritária patente que fundamenta sua visão de mundo, concretizada em linguagem. Nosso interesse com este artigo é procurar compreender, a partir da Linguística – e mais especificamente, da Análise do discurso francesa – os mecanismos utilizados pelo o ativismo digital,

marcadamente feminista, diante do caráter machista das afirmações de Bolsonaro.

Procuramos, portanto, promover uma reflexão acerca dos mecanismos argumentativos elaborados pelos movimentos sociais em rede como embate direto à postura do presidente e da população que o apoia – não olvidemos que ele foi eleito com pouco mais de 55% dos votos.

Pontuando os objetivos do artigo

A eleição presidencial de 2018 marcou a história brasileira como ponto de ancoragem do ponto de vista institucional, no chamado mais longo período democrático brasileiro (1988 - atual), da disseminação da intolerância e do discurso de ódio às chamadas minorias. Da perspectiva deste artigo, nos concentramos especificamente no movimento social, concretizado a partir do feminismo brasileiro, como resposta à conjuntura ideológica e política atual.

Na perspectiva teórica da Análise do discurso francesa, e mais especificamente no programa de pesquisa da pesquisadora Marie-Anne Paveau acerca da mobilização da linguagem na internet, pretendemos refletir brevemente neste texto acerca da construção linguístico-argumentativa do movimento #EleNão. Este movimento social iniciado na internet, marcadamente feminista, que procurou se estabelecer enquanto oposição ao presidente e a todos os valores que ele representa na atual quadra histórica.

Iniciada no âmbito das redes sociais - principalmente Facebook e Twitter - o movimento social chamado de #EleNão foi alavancado no espaço digital, mas foi também vivenciado nas ruas como forma de protesto ao pensamento fascista que assola não só a comunidade brasileira, mas que está enraizado numa onda mundial de intolerância, de diversas ordens, como já assinalado aqui.

O movimento #EleNão ganhou força quando a comunidade do Facebook, intitulada "Mulheres *contra* Bolsonaro", atingiu 2 milhões de participantes e a conta foi hackeada; nessa invasão o título foi alterado para "Mulheres *com* Bolsonaro". Em resposta ao ataque, se iniciou um movimento de revolta, que se concentrou em torno da hashtag #EleNão, que viralizou na internet.

O movimento #EleNão foi uma manifestação popular, liderada por mulheres que contou com o apoio de muitos cidadãos e que tomou as ruas das principais cidades, do Brasil e do mundo, no dia 29 de setembro de 2018. O movimento #EleNão é considerado a maior manifestação feminista brasileira,

de acordo com Céli Regina Jardim, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, estudiosa do feminismo no Brasil⁷.

Dessa forma, para análise teórico-crítica deste artigo, os exemplos aqui apresentados foram selecionados a partir do site *Google*; esses textos advêm dos mais variados suportes digitais (jornais, revistas, redes sociais etc.). O critério de seleção foi inserir a própria #EleNão na aba destinada à pesquisa e observar os textos verbais, visuais e verbo-visuais que compõem a circulação deste movimento na mídia digital, especialmente a brasileira. Essa seleção dos textos para este artigo, ressalta-se, foi guiada a partir do objetivo de observar como a linguagem foi mobilizada por este movimento social, tendo como ponto de ancoragem a concretização de dois processos: a iconização do texto e a textualização da imagem (Paveau, 2017a).

Nosso interesse reside, mais especificamente, em compreender como este movimento - assentado nas principais reivindicações do movimento feminista - construiu sua argumentação mobilizando os recursos discursivos digitais. Além disso, compreendemos neste trabalho que a pauta feminista que marcou o movimento está assentada na compreensão de que as mulheres são "sistematicamente oprimidas, na certeza de que as relações entre homens e mulheres não estão inscritas na natureza e que existe a possibilidade política de sua transformação" (Hirata *et al.*, 2009, p. 144).

Da perspectiva Linguística, a manifestação #EleNão produziu vasto material com potencial de análise. Nosso artigo incide analiticamente sob a mobilização dos tecnografismos (Paveau, 2017b), a fim de compreender como eles se articulam tanto a partir da textualização da imagem, quanto da iconização do texto (Paveau, 2017a).

Nos apropriamos, portanto, da noção de tecnografismo cunhado por Marie-Anne Paveau, que a compreende enquanto "*une production sémiotique associant texte et image dans un composite natif d'internet*" (Paveau, 2017a, p. 305). O tecnografismo faz parte, então, da argumentação do militantismo digital, criado pelos próprios usuários e amplamente utilizado como forma de manifestação e expressão nos dispositivos de internet.

Tecnografismos no movimento #EleNão

A noção de tecnografismo é desenvolvida a partir da compreensão de que a relação entre imagem e texto deve ser abordada considerando a verbo- iconicidade de forma única, isto é, não enquanto "*deux ordres qui dialoguerait à partir de leurs autonomie respective*" (Paveau, 2017a, p. 306). Significações

construídas, portanto, a partir do sincretismo que caracteriza o tecnografismo enquanto construção nativa da internet.

No contexto digital, a partir da constatação de que há um domínio da imagem sobre o texto, muitos questionamentos podem ser postos. A partir desses dois recursos, Paveau (2017a) propõe a caracterização dos tecnografismos. Assim, mobilizaremos aqui justamente o processo de textualização da imagem por meio de montagens digitais que circulam na rede, e o processo de iconização do texto que ocorre, por exemplo, nas capturas de tela, nas fotografias de textos compartilhadas na rede e nos cartazes fotografados e veiculados na internet.

Textualização da imagem no movimento #EleNão

Assim como na construção da enunciação nos memes, nas montagens digitais, feitas a partir de uma fotografia já existente, pode ser observado o processo de textualização da imagem, isto é, quando há "*incrustations de segments textuels*" na imagem (Paveau, 2017a, p. 308).

Reduzindo a materialidade das imagens, o processo de se tornar digital "*leur confère une plasticité et une mobilité nouvelles. Sous l'espèce de fichiers faciles à copier ou à manipuler, l'objet iconique devient image fluide*" (Gunthert, 2014, p. 6).

Assim, nas montagens digitais, podemos observar texto e imagem articulados a partir do processo de textualização da imagem, ou seja, pelo acréscimo de segmentos verbais novos no texto visual já existente. Tal qual o meme, que é uma imagem macro culturalmente enraizada, articulada ao texto verbal, nas montagens digitais podemos também observar a articulação de variados textos verbais sob o mesmo texto visual. Exploraremos aqui (mostrado na sequência do texto) o processo de textualização da imagem a partir do meme intitulado *Bolsonaro gritando*.

Compreendemos que este meme funcionou, a partir da textualização da imagem, como forma de argumentação do movimento #EleNão, um movimento que nasceu e se propagou na internet. A partir de uma imagem macro, assim como no meme, as internautas produziram os mais variados tecnografismos.

É possível observar nessa imagem macro, intitulada pelos desenvolvedores de memes como *Bolsonaro gritando*, que há um processo intrínseco de textualização da imagem quando elas são manipuladas e há inserção de texto verbal. Notemos que a manipulação da imagem não ocorre apenas pelo processo de textualização verbal, mas a própria imagem macro

pode sofrer também ajustes no texto visual, os quais não abordamos neste momento.

Os tecnografismos que apresentaremos foram elaborados a partir do processo de remix, compreendido enquanto "*opération consistant à citer des œuvres et à les transformer pour produire une nouvelle œuvre*" (Paveau, 2017b, p. 9), que gerou reinterpretações variadas, funcionando de modo similar à cultura do meme. Iniciemos com a imagem macro *Bolsonaro gritando*.

Sites e aplicativos que produzem memes propõem essa imagem para manipulação, mas nosso interesse aqui não reside especificamente em analisar apenas o meme, mas sim a apropriação da imagem que passa pelo processo de textualização no seio da argumentação do movimento #EleNão. A seguir apresentamos um site que propõe a imagem para manipulação e produção final de memes, fato que corrobora a reflexão sobre o processo de textualização da imagem, característico deste tipo de produção nativa da Web:

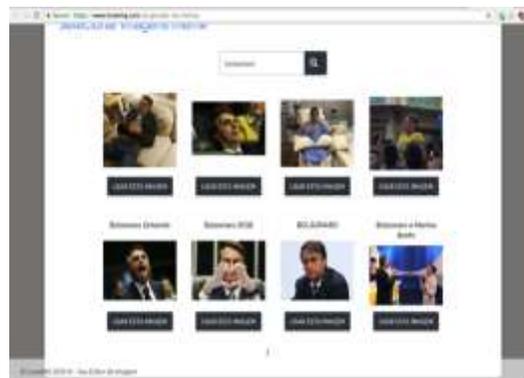


Figura 1 - Escolha da imagem macro

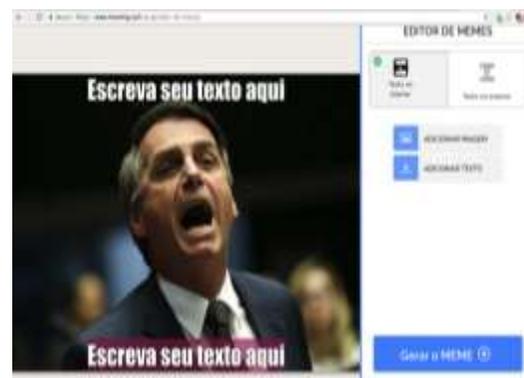


Figura 2 - Bolsonaro gritando



Figura 3 - Meme Bolsonaro gritando pronto⁸

A imagem ridiculariza o então candidato na medida em que o flagra em um momento de fala, com a boca aberta, representando a cenografia⁹ de alguém que está gritando. De acordo com Robert Entman, o enquadramento (framing) pode ser definido enquanto “seleção de alguns aspectos de uma realidade percebida de modo a torná-los mais destacados em um texto comunicacional” (Entman, 1993, p. 52).

Podemos considerar que o próprio enquadramento delimita determinada visão de mundo, neste caso específico, determinada compreensão acerca do personagem fotografado. Dessa maneira, a própria técnica fotográfica corrobora a maneira como o objeto deve ser lido, reinterpretado e posto em circulação.

O recorte do rosto de Bolsonaro circulou, portanto, em diversos meios de comunicação e, por seu caráter caricato - Bolsonaro está de boca aberta numa "quase careta" - foi incorporado na argumentação do movimento #EleNão sendo mobilizado de variadas maneiras, uma forma também de textualização da imagem, isto é, a imagem é articulada que ganha novas variações eidéticas, topológicas e cromáticas, por exemplo.

A partir da imagem original - publicada na revista *Veja* - e também da imagem proposta do site para fazer memes (que apresenta a foto já recortada e pronta para manipulação por parte do usuário), corroboramos a afirmação de André Gunthert, que sintetiza: "*la numérisation, en réduisant la matérialité des images, leur confère une plasticité et une mobilité nouvelles. Sous l'espèce des fichiers faciles à copier ou à manipuler, l'objet iconique devient image fluide*" (Gunthert, 2014, p. 6).

Apresentamos a seguir, os produtos do processo de remix (Paveau, 2017b) que a imagem *Bolsonaro gritando* sofreu. A partir do princípio de articulação da linguagem, o texto visual também se incrusta de novos formatos,

cores e disposição na tela, num processo que pode ser lido enquanto textualização da imagem, na medida em que se compreende este enquanto articulação de processos tanto verbais, quanto visuais no seio da argumentação.



Figura 4¹⁰



Figura 5¹¹



Figura 6¹²



Figura 7¹³



Figura 8¹⁴



Figura 9¹⁵



Figura 10¹⁶

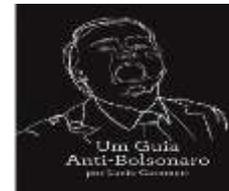


Figura 11¹⁷

A primeira imagem (Figura 4), veiculada na revista *Veja* - uma das que mais circulam no Brasil -, na sua versão digital em maio de 2018, foi apropriada pelo movimento #EleNão em setembro do mesmo ano e viralizou na internet. Publicados entre 12 de setembro de 2018 e 20 de outubro de 2018 (ver datas correspondentes nas notas no final do artigo), os tecnografismos apresentados demonstram, ainda, sua ligação temporal ao momento histórico do movimento #EleNão, que ocorreu em 29 de setembro do mesmo ano. Além disso, estes tecnografismos destacaram a boca aberta do então candidato, corroborando o ethos de intolerância de Bolsonaro.

Iconização do texto no movimento #EleNão

O processo de iconização do texto está assentado na percepção visual do texto, a saber, a imagem se apropria da linguagem canonicamente articulada - verbal

- a reconfigurando de maneira icônica. O ícone pode ser compreendido da mesma forma que o signo saussuriano ou o *Ceci n'est pas une pipe*, de Magritte, apropriado por Michel Foucault em sua discussão sobre interpretação: ele é a representação do objeto, não o referente, o objeto ele-mesmo.

O texto fotografado se torna, portanto, um texto iconizado, apreendido em determinado momento e estabilizado de acordo com as convenções da fotografia; ele perde sua capacidade de articulação e se torna uma representação daquilo que inicialmente era.

De acordo com Paveau "*sur le réseaux sociaux se développe de plus en plus cette pratique de screenshot de texte ou de photographie de texte*" (Paveau, 2017a, p. 309); de outro modo, o internauta fotografa o texto e o compartilha como imagem. A captura de tela é, com efeito, um exemplo de iconização do texto. Observemos a seguir como esse processo foi mobilizado pelo movimento #EleNão a partir de alguns recortes:



Figura 12 - Screenshot do texto verbal de reportagem online¹⁸



Figura 13 - Fotografia do texto verbal de uma página de livro¹⁹



Figura 14 - Texto verbal com fundo de apelo visual no Facebook²⁰

É possível observar a prática de iconização do texto, feita a partir da foto de um texto que circulou na mídia. Um segmento verbal torna-se então um texto fotografado (Figura 12, *screenshot* de uma reportagem e Figura 13, foto da página de um livro), é publicado e compartilhado como uma foto na rede social e na mídia em geral. Até mesmo um fundo colorido e um padrão para escrever um texto tornam-se mais imagem que texto, por meio do processo de iconização (Figura 14).

Podemos observar o processo de iconização do texto - independentemente de sua magnitude, que varia desde uma página de livro até uma breve declaração para a própria pessoa - em fotografias que os usuários compartilharam e que também circularam na mídia em geral, as quais apresentam o texto verbal fotografado e iconizado.

É possível observar com maior facilidade a prática da iconização do texto, efetuada a partir da captura de tela de um segmento verbal de reportagem (Figura 12), que se torna então um texto fotografado, na rede social Twitter, devido às próprias regras internas do sistema: limitação de caracteres. Paveau (2017a) assinala essa característica em seu texto, salientando que, iconizando um texto, o usuário dessa rede social pode publicar textos maiores que a capacidade designada. Esse processo é chamado por Laurence Allard (2015) de "hack usage".

Seguindo esta linha de pensamento, acreditamos poder afirmar que as fotografias de cartazes funcionam também de acordo com o processo de iconização do texto, uma vez que sua textualidade própria é também alterada.

A seguir podemos observar a iconização do enunciado #EleNão fotografado e disseminado na rede a partir do funcionamento da fotografia, não mais do texto verbal articulável.

Figura 15²¹Figura 16²²Figura 17²³

Paveau (2017a, p. 310) afirma que "*la pratique du screenshot de texte présente en effet plusieurs traits technodiscursifs qui intéressent directement la définition même du texte et de la textualité*" (Paveau, 2017a, p. 310), uma vez que tanto a captura de tela quanto a fotografia do texto alteram os processos de produção textual, bem como sua leitura e recepção.

A partir da compreensão do cartaz digital enquanto "*photographie ou autophotographie d'une personne présentant à l'objectif une pancarte écrite, postée sur un espace en ligne*" (Paveau, 2017a, p. 327), acreditamos que poder pensá-lo também de acordo com o processo de iconização do texto, pois ele passa a funcionar pelo regime do icônico.

Conclusão

Procuramos demonstrar neste artigo, ainda que não exaustivamente, mas ancorados nas proposições de Paveau (2017a; 2017b), acerca de uma análise do discurso da web - no campo teórico da Análise do Discurso francesa - , algumas possibilidades de abordagem dos tecnografismos a partir do movimento #EleNão e em como é construída a argumentação não só deste movimento, mas da produção discursiva do ativismo digital como um todo. Mobilizando os processos de textualização da imagem e de iconização do texto, as internautas articulam as formas do militantismo contemporâneo na mesma medida em que enriquecem as novas formas argumentativas verbo-icônicas características do mundo digital (Paveau, 2017b, p. 22-23).

Os tecnografismos se apresentam como importantes ferramentas argumentativas do ativismo digital, uma vez que eles lidam de uma maneira bastante particular com a intericonicidade (Courtine, 2003) (memória da imagem). Não se trata somente de tomar em derrisão o texto primeiro, como é o caso dos memes, e sim de construir outro percurso de sentidos para o texto primeiro.

Nos casos brevemente analisados, vimos que, ao subverterem as imagens primeiras, os tecnografismos constroem um discurso outro que ora se apresenta como disfórico, no caso da fotografia de Bolsonaro, evidenciando o seu ethos de intolerante.

Nossa abordagem neste texto, marcadamente de viés reflexivo-descritivo, teve como objetivo explicar as possibilidades de perscrutação da produção discursiva dos movimentos sociais digitais, observando determinados processos argumentativos a partir do movimento social brasileiro hashtag #EleNão. É importante salientar que tanto o processo de textualização da imagem, quanto de iconização do texto - conforme a proposta de Paveau (2017a) - podem ser pensados contiguamente, isto é, quando se textualiza uma imagem, se iconiza um texto concomitantemente. Nossa breve reflexão, neste sentido, teve como princípio pensar separadamente os dois processos, a fim de melhor compreender o próprio funcionamento argumentativo, cada vez mais marcado pelo uso de imagens na Web.

Notas

¹ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016

² No Brasil, espaço histórico e sociocultural do qual falamos, essas questões adquirem outros elementos. Como bem aponta Jessé Souza, por aqui o autoritarismo se mostra e se estrutura por elementos que foram construídos desde o período escravagista, que, pelas terras brasileiras, não foi simplesmente, mas tão abjeta quanto, a lógica do escravizar o outro física e moralmente para trabalhos forçados. A escravidão nos foi uma forma estruturante de construir todas as relações sociais, culturais, política e econômicas em cima da lógica de ter/possuir escravos como igualmente a forma de distinção e acumulação de capitais; ter/possuir escravos para dividir quem deve e como deve trabalhar; ter/possuir para distinguir, pelas desigualdades e contradições, as mais diversas classes sociais, entre outros fatores, que moldam e fundamentam toda a lógica moral, ética, patrimonial, privada e pública no Brasil até os dias atuais, evidentemente em novas matizes de representação. (Cf. SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à lava jato. São Paulo: Editora Leya, 2017).

³ Desde que assumiu o poder em 01 de janeiro de 2019, o presidente Jair Bolsonaro tem se caracterizado por manter um discurso de ódio, que o caracterizou como deputado federal, no Congresso Nacional, ao longo de sete mandatos. Esse discurso de ódio tem sido caracterizado pelos analistas e políticos de diferentes maneiras, por exemplo: incontinência verbal – declaração do expresidente Fernando Henrique Cardoso, em uma rede social, no dia 31/07 – “O Pr (presidente) despreza os limites do bom senso por sua incontinência verbal”; “declarações inaceitáveis”, declaração do governador de São Paulo, João Dória Jr., 28/07; “retórica tóxica” – expressão utilizada pelos jornalistas Leonardo Sakamoto; Josias Souza e Tales Faria em seu Podcast Baixo Clero #5, publicado no site da UOL em 02/08. Em todas essas designações é possível perceber que geralmente o adjetivo que caracteriza a fala do presidente é *disfórico*.

⁴ Para aprofundar essa discussão vale à pena ler o artigo do Professor Maxime Rovère da PUC RJ, “Brésil: (dés)illusions démocratiques”, cuja tese central é que o Brasil vive após as eleições de 2018, “La contradiction entre fétichisme militaire et anti-étatisme que est l’indice que Bolsonaro incarne un « extrémisme » dépourvu de vision et d’idéologie”, publicado na Revista francesa SPRIT, número 452 em março de 2019. O texto do Professor Maxime pode ser acessado em <https://esprit.presse.fr/article/maxime-rovere/bresil-des-illusions-democratiques-41974>

⁵ Isso sem contar o grande número de brasileiros, por exemplo, que sequer tem acesso a dispositivos de comunicação virtual, assim como não tem acesso regular a internet nesses mesmos dispositivos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE: "Entre as 181,1 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade no país, 69,8% acessaram à Internet pelo menos uma vez nos três meses anteriores à pesquisa. Em números absolutos, esse contingente passou de 116,1 milhões para 126,3 milhões, no período. (...)13,7% dos que não acessam à Internet acham esse serviço caro. Os motivos mais apontados pelas 54,8 milhões de pessoas de 10 anos ou mais que não utilizaram a Internet nos três últimos meses foram: não

saber usar a Internet (38,5%), não ter interesse em acessar (36,7%) e achar que serviço de acesso à Internet era caro (13,7%)." Mais informações disponíveis em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>. Acesso em 15/03/2019.

⁶ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml

⁷ Entrevista disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>

⁸ Imagem macro para fazer o meme Bolsonaro gritando disponível em: <https://www.iloveimg.com/pt/gerador-de-memes>

⁹ Tomando este conceito na esteira teórica de Maingueneau que: "(...) legitima um enunciado que, retroativamente, deve legitimá-la e estabelecer que essa cenografia, de onde se origina a palavra, é precisamente a cenografia requerida para contar uma história, para denunciar uma injustiça, etc. Quanto mais o co-enunciador avança no texto, mas ele deve se persuadir de que é aquela cenografia, e nenhuma outra, que corresponde ao mundo configurado pelo discurso (Maingueneau, 2006, p. 114).

¹⁰ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/radar/bolsonaro-usa-foto-de-adversario-abracado-a-poodle-para-ironiza-lo/>

¹¹ Disponível em: <https://medium.com/lado-m/5-vezes-que-bolsonaro-foi-declaradamente-machista-com-provas-d7796a60ab64>

¹² Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/elenao-mulheres-saem-as-ruas-em-todo-pais-contrajair-bolsonaro>

¹³ Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/elenao-mulheres-convocam-ato-contrabolsonaro-e-o-fascismo/>

¹⁴ Disponível em: https://twitter.com/muchb_

¹⁵ Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/elenao-porque-sou-evangelica-por-simony-dos-anjos/>

¹⁶ Disponível em: <https://www.bluebus.com.br/elenao-design-site-reune-posteres-contrabolsonaro/>

¹⁷ Disponível em: <https://www.bancatatu.com.br/categorias/zines/um-guia-anti-bolsonaro/>

¹⁸ Disponível em: https://twitter.com/search?q=%40phellipe_ramon&src=typed_query

¹⁹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/ondejazzmeucoracao/photos/a.25574209793874/1051716658341510/?type=3&theater>

²⁰ Disponível em:

<https://www.facebook.com/MilhaoPoesia/photos/a.161112243995968/1828006230639886/?type=3&theater>

²¹ Disponível em: <http://catarinas.info/o-grito-elenao-eco-na-maior-manifestacao-de-mulheres-da-historia-do-pais/>

²² Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/nova/1613620921890053-sao-paulo-recebe-protesto-anti-bolsonaro-um-dia-antes-da-eleicao>

²³ Disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/foco/2018/09/29/sp-tem-manifestacoes-favor-e-contra-jair-bolsonaro-psl.html>

Referências

- Allar, L. (2015).** "L'art de capture d'écran, de Richard Prince à l'auto-screen". *MOBACTU*. <http://www.mobactu.org/lart-de-la-capture-decran-de-richard-prince-a-lauto-screen/>
- Castells, M. (2017).** *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na internet*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- Courtine, J.-J. (2003).** *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.
- Entman, R. (1993).** Framing: Toward Clarification of A Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, v. 43, n. January, p. 51–58.
- Gunthert, A. (2014).** L'image conversationnelle: les nouveaux usages de la photographie numérique. *Études photographiques* 31.
- Maingueneau, D. (2006).** *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar Edições.
- Hirata, H. [et al.] (org.) (2009).** *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP.
- Paveau, M.-A. (2017a).** *L'Analyse du discours numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann.
- Paveau, M.-A. (2017b).** « Féminismes 2.0. Usages technodiscursifs de la génération connectée ». *Argumentation et Analyse du Discours* [En ligne], 18 | 2017, mis en ligne le 14 avril 2017 consulté le 02 avril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/aad/2345> ; DOI : 10.4000/aad.2345
- Rovére, M. (2019)** “Brésil: (dés)illusions démocratiques”, *Revue Française SPRIT*, n. 452, publiée en mars de 2019.

Notas biográficas

	<p>Roberto Leiser Baronas Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Graduado em Letras (1994) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (2003) pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP). Durante o ano de 2003, fez seu doutorado "sanduíche" na Universidade Paris Est - Créteil - Val de Marne - França, no Centro de Estudos de Discursos, Imagens, Textos, Escritos e Comunicação - CÉDITEC (2003). Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem / LAEL / na Faculdade de Filosofia, Comunicação, Artes e Letras da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É um dos coordenadores do <i>Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais</i> (LEEDiM / UFSCar) e do <i>Instituto Mattoso Câmara de Estudos Interdisciplinares da Linguagem</i> (UFSCar). Seus estudos têm como foco a análise do discurso, do discurso político e da epistemologia e da história da lingüística brasileira. CV: http://lattes.cnpq.br/4613001301744682. E-mail: baronas@uol.com.br</p>
	<p>Julia Lourenço Costa Pesquisadora de pós-doutorado na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar / FAPESP 2017/12792-0) em estágio de pesquisa na Universidade Paris XII Nord (FAPESP 2018/18860-0). Doutora em Linguística (2017) pela Universidade de São Paulo (USP); com período de estágio de pesquisa na Universidade Paris-Sorbonne IV. Possui mestrado em Linguística (2013) pela USP e graduação em Letras (2011) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É membro do <i>Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais</i> (LEEDiM / UFSCar) e do <i>Grupo de Estudos Semióticos da Universidade de São Paulo</i> (GES-USP). Editora da revista <i>Linguagem</i> na UFSCar. Sua pesquisa tem como foco: Análise do discurso francesa, Semiótica greimasiana e Comunicação. CV: http://lattes.cnpq.br/5592296124389416. E-mail: julialourenco@usp.br</p>

	<p>Samuel Ponsoni: Licenciado em Letras Português-Inglês, 2008, pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp); possui ainda Mestrado, 2011, Doutorado, 2015, e pós-doutorado, 2018, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente, é professor designado da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade de Passos, trabalho que exerce sobretudo nos cursos de Jornalismo e Comunicação Social, Publicidade e Propaganda. Lidera o Grupo de Estudos e Pesquisas que se intitula Laboratório Interdisciplinar de Comunicação, Discurso, Acontecimento e Memória (Labiam - UEMG/CNPq). Pesquisa principalmente no campo teórico e epistemológico da Análise do Discurso de matriz francesa, em temas que vão desde o discurso literário até a análise discursiva das comunicações políticas.</p> <p>E-mail: sponsoni@yahoo.com</p>
---	--